

ica

EX-PRESIDENTE

Sarney critica política externa

LUCIANO SUASSUNA

BRASÍLIA — O ex-presidente José Sarney está de volta. Na noite de quinta-feira, numa roda de jornalistas convidados para jantar na residência da deputada Roseana Sarney (PFL-MA), ele criticou a política externa do governo do presidente Fernando Collor. "Para sentar na mesa do Primeiro Mundo é preciso ter ficha", disse Sarney. "E nós não temos ficha no momento."

Foi a primeira vez, desde o final de seu governo, há 20 meses, que o ex-presidente criticou a administração do seu sucessor. "Perdemos a liderança na América Latina e não ganhamos nada em troca." Acompanhado do deputado César Maia (PMDB-RJ), Sarney chegou à casa de sua filha às 23 horas. Durante três horas e meia contou histórias da política maranhense, dos seus tempos de senador e dos cinco anos na Presidência. Revelou ter concluído o primeiro tomo do seu livro de memórias, estar escrevendo o segundo e preparando outro livro sobre política externa. Não bebeu uísque porque está há dois anos cumprindo uma promessa, mas tomou um pouco de vinho.

Suas críticas à política externa constam das segundas conferências que tem dado no Exterior. O ex-presidente se recusou a fazer comentários mais diretos sobre o atual governo, mas repetiu uma frase que já ficou famosa, para reforçar sua própria temperança e condenar, indiretamente, o estilo arrojado presidente Collor. "Não existe esta história de murro na mesa", disse. "Ou o sujeito quebra a mesa, ou quebra a mão."

Em outro momento, ele recordou um episódio ocorrido na véspera para mostrar o que acha do Brasil Novo. Na noite de terça-feira, ao desembarcar no Aeroporto de Brasília em companhia do ex-ministro José Reinaldo Tavares, Sarney tomou um táxi para chegar ao seu

apartamento de senador. Pelo espelho retrovisor, constatou a surpresa do motorista e resolveu fazer a brincadeira:

— Pois é, ainda bem que esse Sarney foi embora, porque esse outro veio para melhorar tudo — provocou.

— Presidente, não diga isso. Essa é a terceira corrida que faço hoje — devolveu o motorista, reclamando da recessão.

Numa avaliação do seu próprio governo, Sarney admitiu que ele fez parte da chamada "década perdida", mas enfatizou o crescimento de 25% do PIB obtido nos cinco anos. "É preciso lembrar que o País mudou no meu governo", afirmou.

Palanques — O ex-presidente começou quinta-feira a tragar, com César Maia, uma

estratégia eleitoral para o ano que vem. Quer subir em alguns palanques de prefeitos de capital para "nacionalizar" a campanha. "Queremos antecipar a disputa de 1994", afirmou Maia.

Durante a conversa, Sarney recorreu à ex-primeira-dama Marli Sarney para explicar o motivo da sua candidatura a senador pelo Amapá. "Fui eu quem pediu para ele ser candidato", reforçou Marli. Em tom de bom humor, ele também contou algumas desfeitas ocorridas nos tempos da Presidência, como o primeiro diálogo entre ele e o então relator da Constituinte, Bernardo Cabral. "Presidente, eu só vou brigar com o senhor se você não quiser os seis anos de governo", disse-lhe Cabral, que depois trabalhou pelos quatro anos.

AE



Estilo soft

Sarney: "Não existe essa história de murro na mesa. Ou o sujeito quebra a mesa ou a mão"